

Refúgio em si

Refuge in oneself

*Sebastião Rinaldi**

Luz. O raio de sol cortando a janela feito lâmina e entrando no quarto já me dizia que era hora de acordar. Seis da manhã ou algo assim. Sempre me esqueço de colocar esse maldito despertador. Mas não precisa. Sou madrugador. Tenho que comprar uma cortina para essa janela. Qualquer hora, vou ali no Brás e vejo uma. Dizem que é barato. Fico meio perdido com esse real.

Só mais cinco minutos e me levanto. Preciso comprar farinha de trigo, amanhã vamos fazer shawarma. Também preciso resolver o meu bilhete único. Por que tudo nessa cidade é longe, demorado e tem fila? Um caos. Será que minha cueca secou? Hum, tem cheiro de café. Mais gente acordou.

É melhor eu me levantar. Daqui a pouco, começa a fila para o banheiro. O Ahmed sempre demora. Aliás, ele é muito lento. Demora nas orações do dia. Demora no banheiro. Demora no banho. Não vejo a hora de alugar aquele estúdio no Bom Retiro com o Omar e o Youssef. Vai ser apertado, mas é melhor do que aqui. A cada dia, chega gente nova. E sai gente o tempo todo. Não dá nem para criar laços.

Esse Luc que veio de Porto Príncipe parece ser gente boa. Aliás, é bom conversar com ele porque me forço a falar português. Ele também está praticando. Preciso sair um pouco dessa zona de conforto. O Omar e o Youssef não querem aprender esta língua. Sinceramente, não sei o que eles estão pensando. Voltar para Damasco não me parece uma opção. Não agora.

Ah, mas quem sou eu para questionar? Parei com o curso de idioma. Preciso voltar a estudar. Tudo bem que ali na loja eu nem preciso de falar nada de muito avançado. O próprio *ustaz* Hussein não fala muito bem. Se ele está em São Paulo há trinta anos e não aprendeu direito... Tem até loja e apartamento. Talvez não seja tão necessário assim.

Minha questão com as aulas é que fico com medo de ir até o Missão Paz. Aquela rua do Glicério me dá arrepios. Não entendo como os brasileiros conseguem viver nesse estado de alerta. É roubo de carro, de celular, de

* Jornalista e professor de português no Educafro Brasil.
E-mail: sebastiaoinaldi@gmail.com

carteira, é assalto aqui, furto ali. Tudo bem, sei que meu bairro está em ruínas. A guerra na Síria já virou algo banal e ninguém mais nem se comove. Parece que as pessoas estão anestesiadas ou alienadas. Menos nós.

Chega, hora de me levantar, já deu de preguiça. Enrolei dez minutos. A cueca secou. Vou pegar um café. Droga, o banheiro está ocupado. Tenho que começar a levantar mais cedo. Mas quão cedo? Esse povo aqui madruga para fazer a primeira oração do dia. Para eu acompanhar, só se começar a acordar às cinco. Sem chance. São as vantagens de ser muçulmano: começar mais cedo e aproveitar mais o dia.

Mas sem chance de me converter ao Islã ou a outra religião. Que Deus é esse que deixa uma guerra acontecer e devastar um país por mais de dez anos? Não quero me lembrar disso, me dá desânimo. Só de pensar nas aulas que tinha de ciências políticas. Só de pensar na biblioteca do meu pai que está embaixo de escombros. Espero poder trazê-lo no próximo ano, mesmo ele não querendo. Quanta teimosia.

O café está gostoso. Gosto dessa fumacinha quando sai. Aquece o nariz. E esse friozinho de maio também é aconchegante. Daqui a pouco, vou precisar de um agasalho mais pesado. Dizem que o frio em São Paulo é pesado. O Luc comentou ontem que tem uma loja na República com preço bom. Ele disse que fica perto do Largo do Paissandu. Uma região interessante, cheia de história, e tão malculhada. Brasileiro parece que se enjoa das coisas e parte para outra, como se estivesse trocando de roupa. Não entendo.

Ai, que banho corrido – e gelado. Tive que acelerar. Fiquei enrolando na cama mais do que devia. Vou com aquela calça jeans de ontem, mas não dá para repetir a camisa. Ontem, quando cheguei, já estava com cheiro de suor. Será que hoje vai ter fila de novo na lavanderia? Tomara que não.

O almoço e o lanche estão na mochila. Que saudade de comer um *shawarma* do Empire. Vou levar a apostila de português de novo. Vai que dá tempo de ler um pouquinho. Aquele podcast da CBN – como que se chama mesmo? – é interessante. Dá para praticar a escuta e ainda ficar por dentro das notícias. O Brasil é meu novo lar, preciso saber o que acontece. Será que vai ser meu lar para sempre? Será que vou ter filhos brasileiros? Será que algum dia deixarei de pensar em árabe? Panorama CBN. Esse é o nome. Vou favoritar no Spotify.

Esta rua é meio íngreme. Este bairro da Liberdade é bem curioso. Uma arquitetura oriental é algo que eu não esperava de São Paulo. Não sei o motivo, mas eu imaginava um Brasil diferente, mais colorido. São Paulo é uma cidade cinza. Nossa, que língua é essa que esse casal está falando? Parece chinês, vai saber. Para ser bem sincero, não sei o que eu esperava do Brasil.

O metrô de São Paulo é um universo mesmo. Como que é mesmo? Daqui, vou até o Paraíso. De lá, pego a linha verde e desço na Consolação. Chegando lá, é a linha amarela até a Faria Lima. E pronto, chego na Teodoro.

Vai dar tempo. Antes das nove da manhã e já estarei na loja. Não posso me atrasar, o *ustaz* Hussein é muito sério com pontualidade. Ele fala que nunca conseguiu se acostumar com a informalidade dos brasileiros.

A Teodoro é muito cheia. Confesso que fico entristecido por não entender o que está escrito nas lojas, nas bancas de jornais, na comunicação do metrô... Na rua, sou mais um, acho que ninguém se dá conta de que esse homem branco com nariz grande se chama Khalid. Ele tem 23 anos e deixou um curso de ciências políticas para trás. Mais do que isso ficou para trás. Se fosse só o curso, daríamos um jeito. Mas a vida anda, eu também ando, ando nessa Teodoro Sampaio, cheia de pessoas, ambulantes, lojas, ando até chegar a loja onde consegui emprego.

A loja onde o Missão Paz me encaminhou, onde eu procurei pelo *ustaz* Hussein, que me chama de filho e me ajuda com alguns percalços. Mas ele não é meu pai, tampouco sou seu filho. Será que consigo trazer meu pai mesmo no próximo ano? Nossa, este móvel está empoeirado. Cadê o espanador? Está na área de serviço, vou lá buscar. Essa mesa vai ficar bonita no apartamento novo que eu vou alugar. *Ustaz* Hussein disse que me dá cinquenta por cento de desconto.

Por Alá, já chegou o primeiro cliente. Preciso desligar essa máquina pensante, caso contrário não consigo me concentrar nas vendas. E nas contas do mercado. E no meu apartamento novo. E na vinda do meu pai. E no curso que quero fazer aqui. Não consigo desligar. Não dá. É difícil.